

MEMÓRIA EDUCACIONAL: ENSINO REMOTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Lucinéia Contiero ¹
Jessicléia Alves de Lima ²

RESUMO

Necessários e atuais são os estudos sobre a formação inicial de professores de línguas estrangeiras em tempos de pandemia. Este é centrado no registro da memória educacional do Ensino remoto de línguas estrangeiras em apoio ao professor da rede pública. A pesquisa comprovou que novos ambientes de ensino-aprendizagem online foram criados por imposição pandêmica, ao mesmo tempo em que novas atividades de formação de professores de línguas estrangeiras em pré-serviço puderam ser desenvolvidas através do exercício de docência remota. Este artigo dá notícia de algumas dessas atividades na intenção de garantir o registro histórico e o registro teórico da iniciativa de professores dedicados a instrumentalizar os licenciandos na atividade de docência em ensino remoto. Participam do corpo teórico deste estudo autores como Bakhtin, Lyotard, Hall, Feldman, Coscarelli, Ribeiro, Moraes, Bosi e outros.

Palavras-Chave: formação docente inicial; ensino remoto; línguas estrangeiras; memória educacional.

INTRODUÇÃO

Necessários e atuais são os estudos sobre a formação inicial de professores de línguas estrangeiras em tempos de pandemia. Apresentamos, nesta ocasião, dimensões do saber da experiência docente ao tempo em que qualifico considerações a partir de uma pesquisa-ação que integrou: formação inicial de professores; exercício de relatos memorialísticos formativos; formação docente para ensino-aprendizagem em formato remoto; e ensino remoto de línguas estrangeiras a professores da rede pública de ensino básico. Nestes parâmetros, para além de uma oportuna revisão bibliográfica especializada, tecemos, aqui, o registro da construção de uma memória educacional do “Ensino remoto de línguas estrangeiras em apoio ao professor da rede pública” – projeto de pesquisa científica desenvolvida e associada ao projeto “Clap – Curso de Línguas em

¹ Pós-Doutora em Formação de Professores pela UNIFA - Universidade da Força Aérea, Profa. Dra. do Curso de Letras/Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conlucineia@hotmail.com

² Professora Orientadora do CLAP, Especialista em Ensino de Língua Inglesa (FAVENI), jessiclea_alves@hotmail.com

Apóio ao Professor”, este desenvolvido por professores da UFRN em parceria com professores do IFRN, para atendimento à comunidade docente de ensino básico da cidade de Natal e região. Os resultados da pesquisa comprovaram que os novos ambientes de ensino-aprendizagem on-line criados por imposição causada pela pandemia ofereceram-se como oportunidade para mobilizar ensino e formação continuada de profissionais da educação básica. Ilustra tal constatação as impressões positivas recorrentes sobre os cursos para ensino de línguas estrangeiras a professores de áreas diversas entre março e outubro do corrente ano, ao mesmo tempo em que se aprimorava a formação de professores de LE em pré-serviço através do exercício de docência em formato remoto. Este artigo, portanto, dá notícia de uma pesquisa desenvolvida a partir do projeto CLAP na intenção de garantir o registro histórico da iniciativa de professores de aproveitarem o ambiente de aprendizagem online durante a pandemia para instrumentalizar os graduandos na atividade de docência em ensino remoto ao mesmo tempo em que oferecem ensino e formação continuada a professores da rede básica de ensino. Logo, reitera-se, este é um organismo de metalinguagem no sentido de que apresenta discussões teóricas envolvendo alguns dos de alguns dos resultados do projeto de pesquisa especificamente criado para, em sua base e enquanto método, produzir memória educacional em meio a este contexto pandêmico, atípico educacionalmente, de um importante projeto de ensino e extensão desenvolvido por iniciativa de um grupo de professores pesquisadores e formadores de professores. Como pequena contribuição bibliográfica, aqui estão pautadas temáticas de discussões envolvendo, em caráter amplo, o corpo desses registros.

Parâmetros sociais e educacionais em foco abrangente: impressões.

A formação de professores tem ocupado a atenção de inúmeros pesquisadores nas últimas décadas, sob os mais variados aspectos e perspectivas: formação inicial, formação continuada, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento profissional, reformas curriculares, educação tecnológica, inclusão escolar... Aí se enquadram professores escritores como Antonio Nóvoa, Francisco Imbernón, Maurice Tardif, Evandro Ghedin, Selma Pimenta, José Carlos Libâneo, Antoni Zabala, Telma Gimenez, José Gimeno Sacristán, Rui Canário, entre tantos outros que, como nós, grupo (Clap/Inglês) formado pelos professores pesquisadores Bruno F. de Lima, Francisli Costa Galdino, Hális Alves

França e as autoras que assinam este artigo, têm se dedicado a compor uma literatura especializada de valor científico como contribuição àqueles que escolhem seguir a carreira docente neste cenário contemporâneo de novas organizações aprendentes e de valorização das comunidades de aprendizagem, tanto presenciais como virtuais, propiciando uma reconsideração da função social da escola, esta que passou a ser centro do novo dinamismo para a produção e socialização do conhecimento e da informação; da valorização da aprendizagem em sua concepção e em seus processos; do incentivo à autoaprendizagem, à aprendizagem por descoberta, à aprendizagem ao longo da vida, à multitemporalidade formativa, à multiplicidade dos recursos disponíveis; dos processos metodológicos de ensino e processos avaliativos que explorem o erro como processo de crescimento. É neste cenário, também, que emergem significativamente o multiculturalismo, a pós e a hipermodernidade, a educação de pessoas portadoras de necessidades especiais, a educação das diferenças culturais, a educação a distância e, muito recentemente, por imposição da pandemia disseminada mundialmente em 2020, a educação on-line, remota – formato de ensino que tornou possível a atuação de profissionais da educação que têm enfrentado a impossibilidade de lecionarem presencialmente no cenário escolar desde o primeiro semestre de 2020...

Era março de 2020 quando experimentamos a pandemia do vírus SARS-CoV-2, que, na verdade, saiu da China e já ganhara parte do mundo nos últimos meses de 2019: algo sem precedentes para as gerações que têm vivenciado os últimos quarenta anos, essas que só de longe foram tocadas ou souberam das pandemias de cólera ao longo do século XIX; da pandemia de Aids em 1980; da epidemia de cólera no Haiti em 2010; da epidemia do Ebola na África em 2015... De repente, o vírus que se popularizou sendo chamado de Covid19 ou novo Coronavírus, ágil e letal, exigiu mundialmente a adoção de políticas de isolamento social e, de forma rápida, abateu os menos saudáveis, matou os mais idosos, aqueles com alguma morbidade (BRASIL, 2020). É verdade que, em grande maioria, morreram principalmente debilitados, mas não apenas eles. Já nos primeiros meses de 2021, registrou-se o aumento massivo de hospitalizações e mortes de jovens entre 20 e 45 anos de idade. Ruas esvaziaram-se desde os primeiros meses de 2020; o trabalho, se possível e depois do susto, passou a ser realizado das próprias casas; aos poucos, velhos hábitos ganharam espaço, outros foram abandonados e novos foram desenvolvidos para facilitar o cotidiano em meio à crise mundial que tem levado

à morte milhões e milhões de pessoas e deixado parte da população mundial doente e emocionalmente abalada.

E lá se foi um ano, sem qualquer trégua, em pandemia, persistindo numa linha oscilante – decorrência, também, da disseminação de variantes do vírus, como o Delta, ainda mais rápido e letal, que já se alastra por vários estados do país (BRASIL, 2021). Em meio ao caos, vacinas foram produzidas em curto período de experimentação por cientistas de vários países, e, muito recentemente, têm imunizado parte da população mundial, incluindo parte da população do Brasil (BRASIL, 2001). À revelia dessa boa nova, os danos à economia e à educação têm sido nefastos. Muito viveremos e ainda tentaremos dimensioná-los e sofreremos seus impactos. E de resto, o que se sabe é que, não fosse a revolução tecnológica facilitando uma cibercultura, a comunicação em rede e a projeção rápida da informação, as armas que usamos na luta que travamos conjuntamente – estado a estado; nação a nação; mundo, enfim – não teriam tido o mesmo resultado: o número de mortos seria assustadoramente muito maior do que o número de recuperados, em todo o mundo.

A pandemia que afetou, primeiramente, a saúde pública, passou a determinar uma nova dinâmica das interações sociais com repercussões nas possibilidades de vida cotidiana, dando nova roupagem à filantropia, à solidariedade e, evidentemente, à política econômica. Fortes mudanças, desde então, sabemos, são irrefreáveis, o que desperta pesquisadores a desenvolverem estudos sobre os impactos pandêmicos nas mais diversas áreas, e dentre elas na educação, na formação de profissionais docentes – foco deste artigo que quer levar o leitor a perceber, na base, o flagrante da importância de se registrar memórias educacionais que respaldam o enfrentamento de professores a este contexto único na história contemporânea, tenso, difícil para todos, educandos e educadores.

É fato que o mundo não será o mesmo, de maneira geral, e a educação, fonte de vastos problemas e lacunas com incidência nas políticas públicas e de capital arrastadas há décadas, está longe de permanecer imune aos impactos dessa crise, principalmente porque os ambientes e agentes regulatórios educacionais são significativamente permeados do que ocorre nos campos tecnológico, cultural, social, político-econômico.

Tanto por isso, o fenômeno educacional ganhou novos e diferentes contornos nas últimas décadas, novas expectativas e necessidades. O conhecimento em rede parece ser a essência do espaço prático em que a teoria é construída, embasada no

mundo profissional, no científico, na abertura de novas dimensões da vida humana fundamentais ao desenvolvimento do conhecimento, no referencial básico da prática social dos contatos múltiplos, da eliminação de fronteiras entre teoria e prática, de espaços flexíveis de interdisciplinaridade e de aprendizagem (FELDMANN, 2009; COSCARELLI & RIBEIRO, 2005; BARROS, 2010; MORAES, 2016).

Na verdade, vivenciamos uma nova experiência desde os meados de 1990 do século anterior, quando se firmaram historicamente fatores singulares como a difusão do sofisticado mundo da informação, da interconexão digital e da Internet, então disponibilizada para grandes faixas da população configurando uma verdadeira revolução digital e o estabelecimento da cibercultura. Some-se a isso uma nova configuração política planetária e a desafiadora abertura de um novo campo de conquistas tecnológicas em torno da biogenética: fez-se a globalização (LYOTARD, 1989; HALL, 2006; ZAGORIN, 2001).

Desde então, há um novo padrão de atividade global que o sistema nacional de educação precisa reconhecer e levar para o aluno, porque ele vem transformando as relações sociais no mundo todo. O fenômeno da globalização ampliou e transformou as relações sociais. Pertencemos, ainda que não nos demos conta, a uma sociedade multicultural e multilinguista. As sociedades de conexões rápidas, na contemporaneidade, inscrevem-se “em cronotopos, nos quais tempo e espaço são valores fugazes e transitórios” (BAKHTIN, 1990, p. 211), diferentemente das sociedades tradicionais, nas quais as relações sociais se davam em tempo e espaço situados e melhor definidos geograficamente (GIDDENS, 1990). Nossas crianças nascem predispostas a vivenciarem sem grandes conflitos a fugacidade e a transitoriedade temporal e espacial em seus trajetos rumo ao conhecimento.

A globalização maximizou as relações interpessoais em muitas esferas da atividade humana, diluiu fronteiras, aproximou indivíduos, línguas e culturas. A sociedade globalizada (KUMARAVADIVELU, 2006) promoveu e intensificou diferentes tipos de relação (econômica, social, cultural etc.) e um tipo, em especial, valioso à educação, explicável em Z exemplos: a página impressa, a imagem 5D e a inteligência artificial, hoje, relacionam-se sem embaraços ou obstáculos intransponíveis.

Aprender e vivenciar essa percepção e ensinar a partir dessa experiência, ainda que de forma um tanto desajeitada de início, como mostrou o ensino remoto durante 2020, talvez, venha a ser o menos infeliz desdobramento da crise atual causada

pelo impacto gerado pelo coronavírus. É esta súmula que alimenta esta breve incursão teórica entendendo que localizar fatos a serem (re)dimensionados pela reflexão crítica se mostra fundamental para o contexto atual da formação docente e, especificamente, da formação inicial de professores de L.E.

A crise gerada pela pandemia não guarda relação de causalidade com questões que tipicamente um dia ensejaram reações reformistas no ensino brasileiro. Não se pode fazer comparação com crise anterior desconsiderando o contexto atual de enorme avanço na comunicação e na transmissão de dados, de desenvolvimento dos transportes e da maior interdependência entre economias, dentre outras questões que nos levam a vivenciar uma nova realidade, hipermoderna (BAUMAN, 1999; 2005). A partir da pandemia, quero crer, vamos além: vivenciamos a previsão de um cenário pós-crise que guardará aprendizados úteis em termos de políticas públicas para reformulação de estratégias de recuperação, tanto de continuidade de processos quanto de mudanças para renovação, transformação, ressignificação. A experiência do antes e do depois precisa ser registrado, contado, memoriado.

Memórias educacionais: impressões teóricas.

Em exercício nos mais diferentes espaços e tempos de formação, a experiência nos permite confirmar a certeza de que o saber docente é plural e se abastece de saberes adquiridos porque experienciados e que não se restringem aos saberes acadêmicos. As representações que os professores têm de seus alunos, da profissão, do próprio perfil profissional com limites e alcances, as representações sobre a escola, sobre o próprio conhecimento profissional, antes e a partir da pandemia de 2020, estão mesclados com outros tantos saberes que dão sentido e direcionando às múltiplas escolhas que o professor cotidianamente é incitado a fazer na sua prática docente. O professor não se limita apenas em executar currículos. Na prática, ele os reinterpreta, redefine, reelabora de acordo com o as implicações externas e as dimensões internas do saber docente. No transcorrer desses movimentos, vai se construindo uma memória educacional particular, individual, autêntica.

Registrar a história da origem dos espaços de aprendizagem, analisar a formação e as vivências do corpo docente de determinado espaço de aprendizagem são formas de preservar a memória educativa aliada ao desejo de melhorar o que temos atualmente.

Preservar, atesta Fonseca (1990, p.30), é investir no presente de olho no futuro. O ato contínuo de preservar é investir no presente por quanto a memória das instituições, de trabalhos desenvolvidos, de formas de ser professor, resulta do esforço de rever caminhos, procedimentos e valores que se atualizam no trabalho conjunto. Daí porque é preciso que haja mais pesquisas para levantar, localizar, catalogar, analisar, conservar documentos em arquivos e coleções de materiais escolares que fizeram parte, nalgum tempo e espaço, da história da educação em um entendimento mais profundo de cidadania, que ultrapassa o nível dos direitos civis e torna-se dado importante para o processo de construção da identidade, porque contribui para o processo de formação cultural, para a compreensão do real e para a elaboração de análises dos processos educacionais.

Mais do que constituir projetos de recuperação e estimulação de memória preservando e estimulando a discussão da história educacional, as memórias dos professores podem, ainda, estimular o debate sobre a preservação do patrimônio educacional com vistas a definir melhores políticas públicas na área, possibilitar e incentivar a pesquisa da história educacional, promover palestras, encontros, seminários centrados em questões pertinentes à memória educativa, manter e criar canais de divulgação sobre a história educacional das instituições escolares, sobre a história das práticas escolares, livros, relações escola e trabalho, saberes pedagógicos, agentes educacionais... Ainda, contribuir com a pesquisa em história da educação brasileira com base em mapeamento constante de novas fontes primárias, capazes de instrumentalizar instituições e pesquisadores para a produção de novas obras de referência.

A revisitação dessas ações torna conhecido o esforço de professores e instituições na busca de alternativas viáveis à melhoria na qualidade do ensino da comunidade em determinado tempo. Além disso, o rememorar de atividades ainda é uma das práticas de formação válida para os professores, pois o resgate de ações docentes e discentes anteriormente desenvolvidas tem por fundamento que a memória registrada determinará importantes interpretações. Muitas vezes, para se compreender a ação presente, para encontrar o que se relaciona com as preocupações atuais, busca-se, no passado, as origens de problemas e questões, porque “a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento” (BOSI, 2001: p. 82). A memória docente tende a fortalecer as relações das pessoas com suas heranças históricas, culturais, assim como desenvolver e aguçar o senso do pertencimento a uma identidade.

“Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 1959 apud BOSI, 2007, p. 46). E a lembrança é impregnada pelas representações; a memória tem uma função decisiva no processo psicológico. Ao modo de Bergson, a memória é força subjetiva composta por representações, seja do passado ou do presente, para nosso conhecimento e apreensão da realidade. Maurice Halbwachs (BOSI, 2007), estudioso das relações entre memória e história pública, amplia as funções que as representações do indivíduo exercem no seu grupo de convívio e na sociedade como um todo. Uma preexistência, um predomínio social sobre o individual altera os fenômenos psicológicos, tais como, percepção, consciência e memória. Seu enfoque central não é a memória, mas os quadros sociais da memória, onde as relações não estão limitadas ao campo da pessoa, mas em relação à realidade interpessoal com as instituições sociais a qual faz parte. Assim entendida, a memória do indivíduo estaria intrinsecamente subordinada ao seu relacionamento com os grupos de convivência e referência a qual pertença, o que liga a memória da pessoa à memória do grupo em que se trabalha em conjunto, pois tende a criação de esquemas coerentes da narração e interpretação das situações ocorridas, verdadeiros “universos do discurso e significado,” que servirão de alicerce seguro quanto à história e veracidade dos acontecimentos (BARTLETT apud BOSI, 2007).

Síntese dos resultados do estudo.

O presente estudo reconhece a importância da academia por sua contribuição com o fazer docente, considerando que o processo formativo também ocorre por meio de outros agentes, porém, é dentro da universidade e mais especificamente nos cursos de licenciatura que se inicia a formação de professores. O curso de Letras - Línguas Estrangeiras Modernas oferece aos discentes conteúdos teóricos e conhecimentos específicos da área; no campo prático existe o Estágio Supervisionado, que objetiva levar o graduando a exercer na prática (seja ela de observação ou intervenção) toda a teoria apreendida.

O projeto político pedagógico dos cursos de licenciatura indica que as práticas pedagógicas não fiquem restritas ao estágio obrigatório, mas que também possam se dar por meio de práticas de ensino e projetos extensionistas que faz parte das Atividades Integradoras de Formação. Tais experiências aproximam os estudantes da futura

realidade de trabalho, privilegiando a reflexão, a relação dialética entre teoria e prática, bem como uma atitude de busca permanente de aprofundamento do conhecimento e de melhoria das práxis por meio de pesquisa-ação, característica da profissão de professor-pesquisador.

O espaço universitário e a escola, como espaço de educação, devem garantir o desenvolvimento de conhecimentos e atitudes que proporcionem ao aluno, futuro professor, sua inserção na sociedade com participação ativa. Logo, para que haja uma efetiva transformação social a partir do exercício de sua profissão, é fundamental refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas e seu processo. Uma proposta de formação docente que favoreça a autonomia cognitiva dos educandos e uma prática educativa-social transformadora implica perceber apropriadas metodologias ativas/teoria da atividade e o ensino por competências.

Permitir aos docentes a troca de significados, de concepções, compreensão e apropriação de conhecimentos inerentes ao Ensino por Competências, impulsionando que os professores passem a refletir mais sobre sua prática, é muito importante. A partir de comportamentos e atitudes pedagógicas diferenciadas, os docentes em formação se tornam mais autônomos quanto à construção de seu próprio conhecimento, mais ativos, críticos e criativos, com uma visão prospectiva de sua ação social, que antecipa a complexidade da missão de educar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto ação voltada aos licenciandos, a iniciativa do grupo de professores pesquisadores e formadores de professores construiu uma memória educacional contemporânea dos tempos pandêmicos e que ainda deve somar novas memórias no curso do tempo do projeto, que ganhará edição de consolidação em 2022. Ainda, instigou o futuro professor a se tornar um pesquisador crítico de seu próprio fazer pedagógico, vez que oportunizou a experiência prática não somente no que concerne à condução de atividades pedagógicas no espaço da sala de aula virtual na Web, mas também na relação entre planejamento, pesquisa e preparação de material didático (virtual) – ações imprescindíveis na práxis cotidiana do professor de línguas estrangeiras. Neste sentido, a memória que fica é a de um espaço de descobertas, trocas e aquisição de novos saberes, contribuindo com reflexões que poderão se reverter, mais

tarde, em excelência profissional e em motivação para continuidade de estudos. A inserção de licenciandos no mundo da educação on-line através da Web e suas produções, frutos de pesquisas, permitiram o aprimoramento de competências importantes para o sucesso acadêmico e profissional, bem como a preparação desse novo partícipe da educação para um tempo e contexto educacional em que a habilidade com as tecnologias digitais e o bom uso da Internet serão primordiais para a profissionalização do docente reflexivo que estamos formando. A universidade é *locus* privilegiado para tal formação, tanto inicial quanto continuada. A disponibilização de bons profissionais e boas pesquisas tem uma contribuição significativa para o aperfeiçoamento dos profissionais do sistema básico de ensino, cujo trabalho e preocupações são mais focados nas práticas cotidianas. Seria oportuno que as políticas de educação continuada para docentes da educação básica investissem em mais parcerias com o ensino superior; todos ganhamos em conhecimento e experiência, além de compartilharmos boas memórias educacionais.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Formas do tempo e de cronotopo no romance. Ensaios de poética histórica. In: _____. *Questões de literatura e de estética*. 2. Ed. São Paulo: Hucitec. 1990, p. 211-362
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005;
- BAUMAN, Z. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BARROS et al. *Formação de Professores para uso de mídias integradas na educação*. Curitiba, 2010
- BISSOTO, M. L; MIRANDA A. C. (org) *Educação Sociocomunitária: tecendo saberes*. Campinas - SP: Editora Alínea, 2012.
- Bosi, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS). *Boletim epidemiológico 08*. Brasília, DF. Abril de 2020.
- BRASIL. Ministério da Economia. Instituto Nacional da Propriedade Industrial. *Vacinas*. Brasília, DF. Março de 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/patentes/tecnologias-para-covid-19/Vacinas>. Acesso em 19 de março de 2021
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996; 1979.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2001.
- COSCARELLI, C.V., RIBEIRO, A.E. *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DUARTE, N. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- DUARTE, N. *A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação*. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, nº 2, jul./dez, p. 229-301.2002. Disponível em: <<http://journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/9646/8881>>. Acesso

em 28 jun 2012.

FELDMANN, M.G. (org.) *Formação de Professores e escola na contemporaneidade*. São Paulo: SENAC, 2009.

FONSECA, S.G. *Ser professor no Brasil – história oral de vida*. Campinas: Papirus, 1997
FREIRE, 2006.

GIDDENS, A. *The Consequences of Modernity*. Stanford University Press, 1990.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. Silva & Guacira L. Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KENSKI, V. M. Memória e prática docente. In: BRANDÃO, C.R. *As faces da memória*. Campinas: CMU, 1993.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LIPOVETSKY, G., CHARLES, S. *Os Tempos Hipermodernos*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2011.

LYOTARD, J. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989.

MORAES, D.R.S. *Mídias na formação de professores(as): limites e possibilidades*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

OLIVEIRA, A. F.M. de. *Educação como transformação da sociedade*. Cultura de Travesseiro, Porto Alegre, 9, dez. 2010. Disponível em:

<http://culturadetravesseiro.blogspot.com.br/2010/12/educacao-como-transformacaoda.html>. Acesso em 11 Nov 2012.

OPAS. Atualização epidemiológica: *Variantes de SARS-CoV-2 nas américas*. 26.jan.2021
Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/53234/EpiUpdate26January2021>.
Acesso em 20 de março de 2021.

PAQUAY, L., PERRENOUD, P., ALTET, M., CHERLIER, E. (Trad, Fatima Murad e Eunice Gruman). *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, F. *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2000.
_____. et al. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da educação*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

SIMONI, R.F.L. *Memórias em movimento: a compreensão de ir sendo professora nos múltiplos fios da narrativa*. Piracicaba, 2006.

SOARES, M. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 2001.

ZABALA, A.; ARNAU, L. *Como Aprender e Ensinar Competências*. Porto Alegre: Artmed, 2010.197 p.

ZAGORIN, P. *Historiografia e Pós-Modernismo: reconsiderações*. In: *Topoi*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.